

1

O ANTIGO TESTAMENTO COMO PALAVRA HUMANA E PALAVRA DE DEUS

A tradição cristã considera o Antigo Testamento como “palavra de Deus”. “Palavra de Deus” é um termo geral que se refere a uma multiplicidade de diferentes “palavras faladas”. Esse testemunho da tradição cristã, o qual se encontra fora do Antigo Testamento, foi preparado pela experiência progressiva do povo eleito e pela reflexão em desenvolvimento de alguns escritores.

Se procurarmos o testemunho interno do Antigo Testamento, encontraremos duas espécies principais de palavra de Deus: a “palavra do Senhor” que é a “aliança” e a “palavra do Senhor” anunciada pelos profetas. Ambas constituem a experiência originária do povo e o início de uma teologia viva sobre essa palavra.

Um traço comum a essas duas espécies de “palavra de Deus” é que elas são levadas ao povo por um mediador, um “profeta” na mais ampla acepção desse termo. À primeira vista, poderia parecer que a função do mediador consistisse em repetir literalmente enunciados que percebeu e que já tinham sido formulados definitivamente por Deus. Veremos ainda que é necessário corrigir essa primeira impressão. Há outro aspecto importante que é comum a essas duas espécies de palavra de Deus: *a palavra de Deus chega aos seres humanos na forma de palavras humanas*.¹

¹V. quanto a todo o capítulo, L. Alonso-Schökel, *Sprache Gottes und der Menschen: Literarische und sprachpsychologische Betrachtungen zur Heiligen Schrift*, Düsseldorf, 1969.

PALAVRA DA ALIANÇA

É preciso fazer uma diferenciação no conceito de palavra de Deus como “aliança”:

a) Uma primeira “palavra de Deus” é de *caráter narrativo* e mostra brevemente a salvação já realizada: encontramos-a nos trechos de Êx 19.4 e Js 24.2-13. É uma palavra que tem Deus por sujeito, o principal agente da história; por conteúdo, a salvação; e por objeto, o povo. Ela é, portanto, palavra divina que interpreta ações de Deus como ações salvíficas; é revelação de Deus que desvenda o sentido da história. A palavra de Deus tem uma relação radical com o agir histórico de Deus. A isso corresponde, do lado da história, a necessidade inerente de uma palavra de Deus que a interprete.

b) Uma segunda “palavra” geralmente é apresentada no plural como “palavra do Senhor”: são *os mandamentos* que Deus impõe a seu povo; por exemplo, Êx 20.1: *Então disse Deus todas essas palavras e falou*. Em sua forma original, trata-se de dez mandamentos apodícticos, palavras que corporificam e transmitem a vontade de Deus. Esta vontade vigorosa de Deus cria uma comunidade de seres humanos livres, uma organização religiosa, *‘am YHWH*; Êx 34.28: [...] *e escreveu nas tábuas as palavras da aliança, as dez palavras*; Dt 4.13: *E assim ele vos anunciou sua aliança, que vos prescreveu, as dez palavras*. Essas palavras são expressão de uma vontade soberana, apresentam-se como uma exigência religiosa constante e ordenam a vida toda do povo: primeiramente de forma geral, e depois incorporando prescrições específicas e adaptando-as à sua dinâmica própria. Essas palavras são eficazes e criam uma ordem entrelaçando-se, por assim dizer, com a liberdade humana para cumprir essa ordem. Em tais palavras imperativas, Deus se manifesta como Senhor, o povo como súdito e a liberdade como responsabilidade; isso quer dizer que essas palavras revelam Deus e o ser humano diante de Deus.

c) Uma terceira espécie da “palavra” são *bênçãos e maldições*: introduzem o conceito de “recompensa e punição” numa estrutura religiosa. Os bens e prazeres da vida se tornam “bênção”, a desgraça e o sofrimento transformam

essa nova ordem salvífica em “maldição”; Dt 30.1: *Quando, pois, todas estas coisas vierem sobre ti, a bênção e a maldição [...]*; Dt 4.30: *Quando todas estas palavras tiverem vindo sobre ti [...]*. Essas “palavras” são condicionadas pela obediência ou desobediência do povo, são eficazes como palavras proferidas pelo próprio Deus; entretanto, sua eficácia dialética não é seguida do jogo da própria liberdade, mas é estabelecida por Deus na aliança.

d) As três espécies de “palavras” — exposição histórica, mandamentos, bênção e maldição — são ligadas por uma unidade que é a *aliança*; Êx 34.28: *as palavras da aliança*; Dt 28.69: *São estas as palavras da aliança que Javé ordenou a Moisés fizesse com os filhos de Israel na terra de Moabe [...]*. Visto que tais palavras são proferidas na “aliança”, elas criam uma instituição. Essa instituição não é uma realidade estática, e sim dinâmica. As palavras que a fundam se desdobram e se desenvolvem nessa instituição. Depois de serem proferidas, elas têm validade eterna; seu caráter mais geral, porém, exige por si mesmo um desdobramento adicional e uma adaptação a novas situações. Também é preciso observar que a tríplice palavra institucional é uma palavra litúrgica: enviada a uma congregação quando de seu surgimento, passível de repetição e atualização no culto; Êx 19.17: *E Moisés levou o povo fora do arraial, ao encontro de Deus*; Dt 31.10,11: *Ao fim de cada sete anos, no ano da remissão, na Festa dos Tabernáculos, quando todo o Israel vier a comparecer perante Javé, teu Deus, no lugar que este escolher, lerás esta lei publicamente diante de todo o Israel*; Js 24.1: *Josué reuniu todas as tribos de Israel em Siquém e chamou os anciãos de Israel, seus cabeças, juizes e oficiais, e eles se apresentaram diante de Deus*. Poder-se-ia pensar que o liturgo simplesmente repita palavras já proferidas por Deus, mas tal repetição mecânica é excluída pela dinâmica dessa “palavra”.

A PALAVRA PROFÉTICA

A palavra profética possui suas próprias formas características: *Assim diz o Senhor, A palavra do Senhor veio a..., Ouvi a palavra do Senhor, dito do Senhor* etc. Ao passo que na “aliança” aparecem palavras de Deus principalmente no plural, entre os profetas “a palavra” no singular é preponderante. Isso significa que, em geral, a palavra profética é mais individual e mais vinculada à

situação concreta. O profetismo geral é um elemento carismático na aliança (Dt 18). Mas cada profecia individualmente tem seu próprio tema e sua própria tarefa. Assim como fizemos com a palavra da “aliança”, podemos fazer uma subdivisão da palavra profética, mas com a seguinte diferença: a aliança era uma unidade formada por três palavras-membros, enquanto as palavras proféticas são múltiplas e independentes.

a) Uma espécie de “palavra” profética trata da *história* — para interpretá-la, quando ela é próxima ou presente, e para lembrá-la, com suas conseqüências, quando está distante. A palavra profética possui uma função teológica de interpretação da história. O caráter estranho e irrepetível do transcurso da história necessita de tal palavra atual, interpretativa, pois a interpretação geral e primeira dada pela aliança não é suficiente; ela precisa tentar compreender cada novo dia da história para mostrar a primazia de Deus e o poder salvador dessa mesma história. Assim, a palavra profética revela um Deus atuante e desvela o sentido da ação histórica dos seres humanos movidos por Deus. A palavra profética enuncia um acontecimento transformado em “palavra” e mostra assim, como palavra, o significado salvífico. Por meio da palavra profética, o acontecimento passado se torna presente de novo na lembrança e revela um significado salvífico. Assim, a palavra profética, falada certa vez e retomada, mantém uma continuidade ao longo da história. Além disso, essa interpretação constante da história desenvolve a consciência histórica do povo que, paulatinamente, compreende cada vez melhor sua responsabilidade histórica para com Deus.

b) O profeta se refere frequentemente aos *mandamentos* da aliança, mesmo sem os mencionar expressamente. O povo se comprometeu com esses mandamentos no instante da origem de sua existência como povo e nos momentos festivos de renovação. Posteriormente, porém, o profeta lembra esse compromisso e acrescenta uma palavra de admoestação ou juízo. A palavra julgadora de Deus como acusação ou incriminação se encontra comumente na forma de um *rib*, inquérito judicial (Is 1; Os 2; Mq 6). A admoestação, por sua vez, usa principalmente a recordação do passado como benefício de Deus e o temor do futuro como castigo. A palavra profética

assume uma forma pura de mandamento quando o profeta exige, em nome de Deus, um comportamento concreto em determinadas situações; Jeremias, por exemplo, ordena ao povo que se submeta à Babilônia. Esse comportamento concreto não está contido nas “dez palavras” da aliança nem pode ser derivado delas, mas há necessidade de uma nova palavra específica de Deus que confronta seu povo mais uma vez com decisões históricas. O plano de Deus se revela de novo numa palavra imperativa para guiar o curso da história, sem eliminar a liberdade humana, mas para evocá-la.

c) O *profeta se torna executor de bênção e maldição* ao enunciar a palavra de promessa e a palavra de ameaça. Na promessa e ameaça profética a *palavra da aliança de bênção e maldição* (Dt 30.1) é atualizada e aplicada, com notável fidelidade a fórmulas de ameaça tradicionais, a determinados casos. A ameaça profética pode se intensificar, mas só chega até o anúncio da destruição definitiva, como aconteceu em relação ao Reino do Norte de Israel. A promessa profética, por sua vez, contém uma dialética que consegue superar todas as palavras de bênção anteriores; assim, rompem-se os limites do horizonte atual e inaugura-se, em determinado momento, um horizonte novo, escatológico.

A ameaça e a promessa são, às vezes, categóricas e definitivas, com todo o poder e eficácia da palavra de Deus. Outras vezes, entretanto, elas são condicionadas pela liberdade humana, assim como as bênçãos e maldições da aliança, e justamente isso é o que Deus pretende com essa palavra.

AMPLIAÇÃO DA PALAVRA

As duas “palavras” fundamentais, a palavra da aliança e a palavra profética, não são algo encerrado e imutável, mas contêm uma força dinâmica que amplia seu significado e poder. A própria palavra profética mostra, às vezes, essa qualidade em relação à aliança. As palavras de profetas nem sempre permanecem meramente iguais na repetição litúrgica do mesmo texto, mas exigem um comentário, que, por sua vez, também pode se tornar “palavra de Deus”.

a) Como primeira ampliação da palavra da aliança deve-se mencionar principalmente a *parênese*. No início, ela aparece como palavra de comentário

sacerdotal, até ser inserida como novo grupo de palavras de Deus; Dt 1.1: *São estas as palavras que Moisés falou a todo o Israel [...]*; Dt 1.5: *Além do Jordão, na terra de Moabe, encarregou-se Moisés de explicar esta lei, dizendo [...]*. A prova de tais inserções no texto, que ampliam o sentido da palavra, é o fato de que todo um complexo parenético é colocado na boca de Moisés. Trata-se de uma ficção histórica que representa, ao mesmo tempo, uma afirmação teológica: tudo isso é palavra do primeiro mediador — é palavra dos sucessores — e, conseqüentemente, palavra de Deus.

b) Um segundo grupo é constituído pelo *oráculo*, que é proferido em resposta a uma consulta privada ou comunitária pela boca de um sacerdote ou profeta.

Essa instrução geralmente é enunciada no contexto de um ato cultual em nome de Deus, sendo, por isso, palavra de Deus. Nem sempre é fácil distinguir essa palavra do oráculo profético propriamente dito. Ageu, por exemplo, dedica-se em grande parte à tarefa de responder a essas consultas e tem consciência de estar transmitindo a palavra de Deus.

c) A *palavra profética da promessa* se desenvolve até chegar à visão escatológica de um futuro definitivo. Ela nem sempre é anunciada formalmente como palavra de Deus com fórmulas proféticas clássicas, mas incorporada em coletâneas proféticas já existentes.

d) *Os Salmos* não se apresentam formalmente como palavra de Deus, mas como palavra muito humana, palavra do ser humano que responde a Deus. Entretanto, eles adquirem uma importância especial no marco geral da palavra de Deus. Os Salmos são palavra divina na medida em que Deus ensina seu povo a orar. São palavra genuína em que o povo expressa de maneira válida — sem falsificação da doutrina ou do sentimento — sua fé nos atos salvíficos de Deus, sua gratidão por esses atos e sua recordação deles. Os Salmos são, além disso, o clamor humano que deseja ser ouvido por Deus e que também é ouvido porque o ser humano ora com as palavras que Deus lhe ensinou; por fim, a palavra de Deus que constitui o ponto de partida encontra, em alguns Salmos, uma esfera de ressonância: a medita-

ção humana. A palavra dos Salmos é verdadeira porque lembra e anuncia as ações divinas; ela é constante porque expressa a fé e a gratidão; é eficaz porque, no marco da salvação, realmente chega até Deus.

e) Os *historiógrafos* escrevem seus livros sobre a história do povo — a palavra começa a se tornar livro num sentido que se aproxima do nosso. O ponto de partida são as “palavras históricas” da aliança às quais as palavras históricas dos profetas seguem — Elias, Natã, Aías — que interpretam normativamente os acontecimentos. O historiógrafo coloca sua pesquisa, seu estudo e sua reflexão iluminada a serviço daquelas palavras embrionárias e expansivas. Embora não publique sua obra com a fórmula profética “Ouvi a palavra do Senhor”, seus escritos dão efetivamente continuidade à atividade profética na medida em que mostra o sentido teológico dos acontecimentos: Deus em ação e os seres humanos sob a direção de Deus. A palavra do historiógrafo também é acolhida como palavra de Deus.

f) Encaixam-se na categoria de livros ou coleções *palavras dos sábios* que, em contraposição à palavra de Deus em sentido formal, são chamadas de *dibre h'kamim*. Embora sejam fruto da experiência e da reflexão, inclusive de outros povos, e também de ideias bastante originais e até anticonformistas, elas são coletadas e acrescentadas à coletânea completa dos livros sagrados, à “Escritura” que é “palavra de Deus”. Trata-se aqui de um fenômeno limítrofe desse processo de assimilação.

No início, a palavra de Deus se encontra na boca de um ser humano, em forma “humana”, sendo ao mesmo tempo revelação de Deus e do ser humano diante de Deus. Depois se acrescenta a isso uma palavra que parece ser puramente humana, que trata da vida cotidiana. Mas mesmo tal dimensão humana simples tem seu lugar no plano de Deus. Por isso, a palavra sobre ela é inteiramente válida e se torna digna de ser acolhida no conjunto da Escritura.

Depois que a palavra se tornou “Escritura” reconhecida, ela exerce uma dinâmica própria. Enseja “comentários”, alguns dos quais são, por sua vez, acolhidos como palavra de Deus (p. ex.: Eclesiástico e Crônicas).

Portanto, a dinâmica da palavra atua em duas direções: ela busca ampliação e estabilidade ao mesmo tempo. Ela se desenvolve no uso e na

aplicação, mas também quer ser conservada com reverência. Pode ser incorporada em novos contextos históricos ou literários, mas se defende contra a adulteração. Essa busca da palavra de Deus é uma dinâmica que também produz paulatinamente os meios de sua conservação: recordação, reconhecimento oficial, registro, coleção oficial em livros.

CATEGORIA TEOLÓGICA

A palavra de Deus, mediada pelo profeta e comprovada na vida do povo como transmissão de mensagem e efeito de poder, transforma-se numa categoria teológica para compreender e explicar outros fenômenos e atos novos e misteriosos de Deus: a criação e a história. A “palavra” como categoria teológica interpreta a criação e a história (p. ex., no Código Sacerdotal).

a) *A criação do mundo* não é explicada pelo Código Sacerdotal a partir do modelo do arquiteto ou do artesão, mas sob a imagem de uma vontade soberana que se objetiva na forma de palavra eficaz (Gn 1; cf. Sl 33.9): *Disse Deus, e assim se fez; ele ordenou, e assim aconteceu*. Segundo Gn 1, a palavra é antes de tudo chamado à existência, vocação; depois, o ato de dar um nome, que determina o ser diversificado das criaturas. A ordem cósmica aparece, assim, como uma ordem linguística de linguagem divina em termos humanos. Além disso, a dinâmica interior dos seres vivos é transmitida na palavra imperativa de bênção: *Crescei, multiplicai-vos, produzi fruto*. Assim, a “palavra de Deus” — apresentada como ação histórica — insere a criação do mundo no contexto da história da salvação.

b) *A história da salvação* é narrada e explicada muitas vezes, e nela Deus aparece como o ator principal por meio de sua palavra, na dupla forma do mandamento e do anúncio. Os grandes historiógrafos israelitas usam com frequência esse procedimento de interpretação teológica: a vontade soberana de Deus dirige no caso concreto de maneira eficaz a história por meio de sua palavra, que anuncia um plano e estabelece a execução. Dessa forma o acontecimento histórico aparece em sua transcendência revelatória. Trata-se de um artifício literário a serviço da teologia, que, por um lado, expressa o poder da palavra de Deus e, por outro, o valor revelatório dos

acontecimentos. Os acontecimentos se transformam em palavra, não só quando o escritor fala na terceira pessoa, mas também quando ele introduz Deus como aquele que fala. O autor bíblico conhece e mostra a profunda unidade da ação de Deus com sua palavra.

c) Em tempos posteriores, o hagiógrafo usa uma última ficção: ele apresenta suas visões e reflexões em forma de palavra de Deus; isto é a apocalíptica. Os leitores conheciam essa ficção: trata-se de um gênero literário particular, surgido em épocas de crise.

No caso da apocalíptica bíblica — Daniel —, a ficção serve para assegurar o prestígio daquela palavra. Por isso, a apocalíptica foi acolhida entre palavras proféticas, mas de modo seletivo, pois a maior parte dos escritos apocalípticos ficou fora da Bíblia.

Como palavra profética de Deus, a apocalíptica se volta para o passado, esquematizando-o em períodos, mas também olha para o futuro, anunciando a proximidade dos tempos escatológicos.

PROPRIEDADES DA PALAVRA

a) Em primeiro lugar encontra-se a propriedade da exposição ou *revelação de determinados conteúdos* e da pessoa de Deus nesses conteúdos. Essa propriedade não precisa ser corroborada. Ela já está contida na exigência dos imperativos *Ouvi, dai ouvidos* e nas expressões *o que o Senhor diz, o que Senhor ordena*, bem como nas fórmulas *para que saibais, para que conheçais*, que se referem a acontecimentos, palavras e pessoas. Deus instrui, ensina, confronta, acusa e condena por meio de sua palavra. Tudo isso é apresentação do conteúdo que deve ser compreendido, mas, quando de sua ressonância na estrutura da fé, o sentido apresentado pela palavra pode ser inteiramente rejeitado, mal interpretado ou entendido equivocadamente. Podemos chamar esquematicamente essas propriedades de “a verdade” da palavra de Deus. Ela se torna palpável não só nas formas sintáticas do enunciado, da proposição afirmativa, mas também em todas as outras formas de apresentação da palavra. Em última análise, essa verdade significa revelação.

b) A propriedade que acabamos de mencionar é evidente, razão pela qual não é afirmada expressamente pela Bíblia. Outras propriedades, por

sua vez, são mencionadas expressamente. A *firmeza* e constância — especialmente *'md* e *qwm*, a fidelidade — especialmente *n'mn*. Ela quer dizer que a palavra de Deus se cumpre na história, assim como se cumpre na criação (Sl 148.5); que Deus zela por essa palavra, para que ela se cumpra (Jr 1.12b: *Eu velo sobre minha palavra para cumpri-la*); e nesse sentido ela se distingue da palavra que um profeta anuncia com soberba, sem que Deus o tenha ordenado (Dt 18.22); e Deus *não retira suas palavras* (Is 31.2). A palavra da aliança é constante porque Deus não viola seu compromisso; as palavras do mandamento são dignas de confiança e constantes porque criam uma ordem religiosa e moral; as palavras de maldição e bênção são constantes porque, na medida em que foram ditas por Deus, realmente acontecem. A palavra profética, promessa e ameaça, participa da mesma constância, só que, ao entrar no jogo das liberdades humanas, sua função não é necessariamente o cumprimento, mas consiste justamente em mover a vontade; elas são muito mais promessa e ameaça que predição; Zc 1.6: *Contudo, minhas palavras e meus estatutos, que prescrevi aos profetas, meus servos, não alcançaram vossos pais? Sim, estes se arrependeram [...]* (cf. Is 44.26; 45.23; 48.3).

c) Outra propriedade da palavra, que nem sempre pode ser distinguida da anterior, é a força e *eficácia*; Os 6.5: *Abati-os por meio da palavra de minha boca* (= do profeta); Jr 5.14b: *Eis que converterei [...] em fogo minhas palavras [...] e este povo, em lenha, e eles serão consumidos*; Jr 23.29: *Não é minha palavra fogo, diz o Senhor, e martelo que esmiúça a penha?* Is 55.10: *Assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair de minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei*. Essa eficácia não encontra resistência entre as criaturas quando Deus as cria para agir, para dar testemunho. Na história, por sua vez, ela não encontra oposição quando se observa a totalidade do plano de Deus a partir de cima. Observando-a do ponto de vista humano, a eficácia da palavra consiste na poderosa conclamação à liberdade humana, que exige resposta e impõe o estado de responsabilidade: a palavra exige fé e é acolhida pela fé. A palavra da aliança como história exige recordação e reconhecimento. A palavra da

aliança como fundação exige fidelidade. Como oração, ela exige cumprimento e obediência.

Se o ser humano se recusa a dar essa resposta, ele permanece, ainda assim, encerrado na estrutura tríplice da palavra da aliança; fica sujeito à maldição, que tem o poder de reconduzi-lo à fidelidade (Dt 30.2).

Reflexão 1: Neste ponto do estudo, gostaríamos de acrescentar ao testemunho explícito ou implícito do Antigo Testamento a respeito da “palavra de Deus” *uma reflexão de nossa autoria que levanta algumas questões teológicas.* A problemática da palavra de Deus se mostra da melhor maneira entre os profetas. Na palavra profética encontramos quase todas as tensões da palavra divino-humana evocadas e resolvidas concretamente.

a) Sobretudo a primeira tensão, o grande mistério dessa palavra: seu ser “teândrico” de *palavra divina e humana*. A análise de um texto profético clássico nos mostra um trabalho intensivo, artesanal, literário até nos detalhes de harmonia, ritmo, paralelismo etc. Quando comparamos palavras proféticas umas com as outras, podemos constatar a sensibilidade dos autores para a tradição literária, a imitação, a repetição de tópicos; justamente na imitação se mostra, às vezes, a personalidade literária impressionante de um Isaías, Jeremias, Dêutero-Isaías etc. Não apenas os aspectos humanos gerais, mas também os pessoais, não apenas a intuição inicial, interior, imediata, que parece presenteada, mas também o paciente trabalho artesanal, todos transparecem numa análise estilística dos textos proféticos. Se essa palavra é tanto a palavra do profeta quanto palavra de Deus, segue-se disso que a intervenção de Deus não é nem a utilização do autor como instrumento rígido nem mera inspiração verbal.

Tentativas de distinguir na predição profética uma parte divina e uma parte humana estão fadadas ao fracasso, porque a unidade provém inteiramente tanto de Deus quanto do ser humano. Isto nos leva a entender o nascimento dessa palavra como uma ação misteriosa de Deus que provoca e dirige o falar do profeta. Os testemunhos de Jeremias e Ezequiel sublinham essa energia vital da palavra recebida: Jeremias a sente como um fogo interior que busca uma saída, e Ezequiel tem de engolir, “digerir” e depois proclamar o rolo de um livro.

b) A antinomia que acabamos de descrever se torna clara em outros dois aspectos da palavra, o *intelectual e o volitivo*, na consciência e na liberdade. O profeta está consciente de anunciar a palavra de Deus, está consciente de sua missão geral e particular; no entanto, não transparece tanto que ele tenha uma consciência real de ser movido por Deus durante sua atividade artesanal, autoral. Por outro lado, o historiógrafo e o mestre da sabedoria não atestam essa consciência de modo algum. O autor do Coélet não se cansa de reiterar sua atividade pessoal, enquanto o Sirácida compara, numa alusão imprecisa, sua palavra com a profecia (Eclo 24.33).

Não é possível ter qualquer dúvida no tocante à liberdade do profeta sob a intervenção divina. Se existem personalidades impressionantes no Antigo Testamento, elas são os profetas: seu direcionamento para Deus aumenta sua liberdade responsável. Enquanto Amós testifica o poder terrível da voz de Deus (Am 3.8) e Jeremias sente uma coerção, semelhante à de alguns poetas românticos (Jr 20.9), Ezequiel descreve com distinção casuística a liberdade do profeta no exercício de sua missão (Ez 33.1-9).

c) Outra antinomia interessante da palavra profética reside nos termos *profecia — instituição*. O profeta faz parte da instituição da aliança (Dt 18); ele se refere a ela, protege-a como tal, e ao mesmo tempo guarda a instituição contra o perigo do institucionalismo. Ele mantém vivo o sentido autêntico dela, que é o de uma convivência responsável com Deus. Da mesma maneira, a palavra profética que germina no seio da aliança proclama que as palavras da aliança não podem se transformar em fórmulas vazias.

Reflexão 2: Se a palavra profética nos proíbe de entender a ação humana como um serviço rígido em sua formação, semelhante ao de uma ferramenta, outra série de palavras de origem não profética nos impede de identificar a palavra de Deus com uma *manifestação precedente* de um conteúdo. A influência de Deus sobre o ser humano para que este transmita sua palavra tem de ser de outra natureza. Sem excluir a realidade de revelações precedentes — este é o caso de muitas profecias —, deve-se conceber a influência carismática como um movimento e direcionamento eficaz da fala humana, que leva à realização da obra linguística, seja de que natureza for.

a) Pergunta-se a respeito do *significado social* da palavra no Antigo Testamento. A palavra se destina à comunidade; isto se realiza de duas formas complementares. Às vezes, o autor sagrado é a voz de seu povo; sua obra é aceita por seu povo, que se reconhece nela; e assim o nome do autor não precisa ser dito. Outras vezes, o autor sagrado se confronta com o povo, para acusar, julgar, converter; também neste caso o povo confere às palavras por ele provocadas o significado que elas têm.

Quanto à sua origem, a palavra do Antigo Testamento é, com frequência, anônima, mas isso não quer dizer que seu autor seja a massa amorfa. Além disso, uma palavra profética pode, por exemplo, ser transmitida num grupo de discípulos, que a reelaboram para novas obras e então a incorporam nelas. Desse modo surge uma série sucessiva de autores que dificilmente devem ser compreendidos como personalidades individuais, mas que existem; também nesse caso a palavra não provém da comunidade amorfa. Em nenhum escrito do antigo Oriente, encontramos tantos autores ou escritores de nível tão elevado e de tal personalidade. Conhecemos inclusive os nomes e dados biográficos de alguns deles (as mais recentes tentativas de diluir esses escritores em séries de fórmulas culturais ou proféticas fecham os olhos e ouvidos para sua diversidade). O caso extremo de cooperação de autores num livro que podemos indicar é o livro dos Provérbios. Esses provérbios são anônimos, diferentes uns dos outros e independentes: um punho anônimo os reuniu numa antologia.

b) A palavra do Antigo Testamento chega até nós *em forma escrita*, mas não se pode negar que muitos textos existiram e foram transmitidos primeiramente como tradição oral. Assim, autores posteriores utilizaram em suas obras material que já havia sido pré-formado na tradição oral — e também na tradição escrita precedente. A escrita tem a função de conservar e transmitir textos. Ela tem uma força especial para fixá-los. Muitas vezes, ela também tem uma função jurídica: pode ser documento para a validade (aliança), testemunho. É lógico que na coleção de palavras significativas seu registro por escrito represente sua fixação e transmissão. A “palavra inspirada” se transforma em “escrito”.

c) Uma primeira leitura do Antigo Testamento nos mostra que, com poucas exceções, nele se utiliza uma *linguagem literária* de alta qualidade. Ela é concreta, repleta de imagens, singela, expressiva. Uma análise estilística confirma e corrobora essa impressão, demonstrando a consciência estilística dos autores, sua liberdade ao lidar com as fórmulas, sua intenção de criar uma composição formal ou dinâmica etc. É preciso levar em conta esse fato, que pode causar indignação em certos professores. Parece que a *palavra poética*, com sua plenitude, sua densidade e sua força de presentificação, corresponde à natureza da palavra de Deus e à atuação do Espírito.

A mensagem da palavra poética não pode ser apreendida à parte dessa palavra, e sim falando essa palavra, olhando-a com precisão, refletindo sobre ela. Essa forma de se ocupar com essa palavra pode, por sua vez, provocar uma nova palavra poética, refletir-se numa obra literária. (Neste contexto, não se pode negar que algumas palavras poéticas se transformaram em significado técnico e até em fórmulas técnicas.)

Isto é importante para responder a uma objeção frequente: “O ser humano moderno, técnico, não consegue tirar nada do Antigo Testamento”. Se o ser humano moderno perdeu a sensibilidade para a palavra poética, isto é uma perda, e não um ganho ou um progresso; seu remédio não é uma rejeição da palavra bíblica, mas uma recuperação da sensibilidade perdida.

d) Além disso, é significativo o fato de que a palavra do Antigo Testamento nos é oferecida, em geral, na totalidade de uma *obra literária*: em unidades maiores ou menores, originais ou compostas. Nesse estado em que se tornaram uma obra, as palavras adquirem consistência e durabilidade, e ao mesmo tempo elas exigem ser lidas e ouvidas, “apresentadas” ou presentificadas. Sem perder sua integridade, elas conseguiram se integrar numa estrutura textual maior ou acolheram outros elementos assimiláveis em sua esfera de domínio. Seu gênero literário não é inteiramente idêntico àquele das obras literárias de nossa cultura, mas está em consonância com ele em pontos essenciais.

NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento testemunha com frequência o antigo. Não pretendemos fazer uma análise completa dele aqui, mas ressaltar os temas

principais no Novo Testamento e indicar que Deus ou o Espírito Santo fala por meio de Moisés e dos profetas. A autoridade da “Escritura” é reconhecida e citada, atribui-se valor profético a ela, “ela precisava ser cumprida”, o Antigo Testamento é palavra de Deus. Os textos clássicos que testemunham isso são 2Tm 3.15-17 e 2Pe 1.20,21. *Desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o ser humano de Deus seja perfeito, perfeitamente habilitado para toda boa obra.* (2Tm 3.15-17). *Sabei, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, seres humanos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.* (2Pe 1.20s.). Segundo 1Co 10.11, os acontecimentos do Antigo Testamento são imagens que se convertem em palavras para o ensino da nova ordem da salvação. De acordo com Hb 4.12, *a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração.*

RESUMO

1) Vimos a complexidade da palavra de Deus na vida do povo, começando com dois grupos de palavras divinas, as da aliança e as proféticas; paralelamente, subdivididas em três elementos: história, mandamento, bênção — maldição; interpretação histórica, mandamento e admoestação, promessa e ameaça. Depois constatamos um círculo com uma primeira ampliação; parênese, instrução, escatologia; por fim, o último círculo de ampliação: o livro sagrado, que compreende historiografia e ensino sapiencial; por fim, o livro é comentado como “Escritura”. Vimos que a experiência imediata é transformada em categoria teológica para interpretar os dois grandes mistérios da criação e da história. Essa categoria teológica se torna, finalmente, um procedimento ficcional com intenção teológica. Em seguida, nossa tarefa é ouvir o que essa palavra diz a respeito de si mesma, como ela descreve a si mesma, que propriedades principais mostra — algumas das quais já mencionamos.

2) A palavra do Antigo Testamento transmite conteúdo, revela Deus e o ser humano geralmente de forma concreta. Ela é firme e constante, porque é duradoura, cumpre-se, cria uma instituição, fundamenta a fé e a confiança. É ativa e eficaz, atuando pelos indivíduos e na história.

3) Particularmente a palavra profética nos mostra algumas tensões de sua essência: ser divino e humano ao mesmo tempo, a consciência e liberdade do ser humano para a transcendência e atuação de Deus; a ligação da profecia com a instituição. Uma comparação dos diversos tipos nos mostra que a palavra inspirada não exige uma revelação precedente. A palavra possui uma destinação social, embora provenha de autores individuais. A forma escrita dá constância à palavra, confere-lhe validade jurídica ou a validade de um testemunho. O Antigo Testamento geralmente emprega uma linguagem literária, que, por fim, encontra sua forma última e válida numa obra literária concluída.

LUIS ALONSO-SCHÖKEL